

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 999

Quarta-feira, 9 de Novembro de 1921

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tálhala-Lisboa — Telefone 5339-c

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

A OPINIÃO DOS CARRASCOS



Sacco e Vanzetti? ... Tanto ruído porque dois desgraçados foram condenados à morte!

UMA TREMENDA INJUSTIÇA

A QUESTÃO DE SACCO E DE VANZETTI

Como de simples operários se pretende fazer criminosos "célebres" — O governo americano pretendia arranjar vítimas

Para dar-mos aos leitores da Batalha uma ideia clara da questão Sacco-Vanzetti, tam em evidência pelos vários protestos de carácter violento a que tem dado lugar, transcrevemos o que disse o jornal burguês *The Nation*, que apesar de não aprovar as doutrinas dos dois acusados, fala com imparcialidade e portanto com justiça.

Referindo-se a Sacco e Vanzetti, *The Nation* diz que se não trata de militantes em evidência antes de serem condenados, por assassinato, em 14 de Julho último. Eram ambos bastantes estranhos ao movimento operário americano. Eram conhecidos como revolucionários, mas apenas dos seus camaradas italianos e nas vizinhanças da cidade de Boston. Não tinham a importância precisa para serem perseguidos por um qualquer interesse poderoso, embora a justiça já tivesse feito um inquérito acerca de Sacco, sendo possível que houvesse alguma influência por detrás do pano. Ninguém admite que os dois insignificantes italianos fossem vítimas duma maquinação. O que aconteceu é que teriam caído na armadilha disposta para outros.

Se não se trata de perseguição contra eles movida, e se os dois homens são inocentes, como se compreende que fossem condenados por um crime capital? Passamos rapidamente em revista os factos admitidos:

O começo da história — Um prólogo de romance que é afinal a realidade

Em pleno dia, ao meio da tarde de 15 de abril de 1920, um pagador e um guarda caminhavam por uma rua de South Braintree, levando uns 15.000 dólares a uma fábrica de calçado. Do outro lado da rua surgiram dois homens que avançaram e mataram a tiro o pagador e o seu guarda, roubaram o dinheiro e fugiram num automóvel que chegava a esse lugar justamente no momento em que o crime se acabava de praticar. Durante três semanas a história deste crime foi o assunto dos arredores, mas não se efectuou prisão alguma. Depois, na noite de 5 de maio, Sacco e Vanzetti foram presos.

Estes tinham ido à cidade vizinha de West-Bridgewater em companhia de dois outros italianos dos quais um possuía um automóvel. Todos quatro se tinham dirigido juntos a uma *garage* para buscar a máquina que ali estava a concertar. Mas não poderam obtê-la porque a carruagem não tinha a placa numerada.

Como Sacco e Vanzetti foram apanhados — Acusados dum crime que não praticaram

A polícia tinha procurado o proprietário do automóvel, principalmente, porque ele era italiano, vivia perto do local do crime e tinha um auto. A mulher do proprietário da *garage* telefonou a visita à polícia, e Sacco e Vanzetti foram apanhados na estrada de Braokton num *tramway*. A polícia não pôde deixar a mão ao proprietário do auto que, em seguida, desapareceu tão completamente, que não mais foi encontrado.

A versão incontestada não vai mais longe, e nela permite associar Sacco e Vanzetti com o crime de South Braintree. Mas certas circunstâncias desastrosas acompanharam a prisão dos dois homens. Ambos eram portadores de revólveres carregados, e ambos mentiram acerca dos passos dados na noite da prisão, e acerca de outras coisas. Naturalmente, os homens eram culpados de viajar com armas, mas este crime era daqueles de que um grande número dos seus compatriotas são igualmente culpados. Os dois agentes que procederam à prisão juraram perante o tribunal que os dois acusados, ao serem apanhados, fizeram o movimento de puxar dos revólveres para visarem os polícias. Sacco e Vanzetti negaram tê-lo feito.

O júri tinha, sem dúvida, razão para duvidar da sua palavra sobre este ponto, mas fez mal em ligar tanto crédito à interpretação que a polícia tinha podido dar a movimentos esboçados pelos prisioneiros. É notório que, para tornar os seus relatórios interessantes, os polícias costumam exagerar o perigo e a dificuldade afrontados ao realizar uma prisão.

A atmosfera criada em volta do processo — As razões lógicas dos reus não são ouvidas

Sacco e Vanzetti sustentaram perante o tribunal que, mentindo à polícia, não se sabiam suspeitos do assassinato de South Braintree. Sabiam que um e outro tinham evitado fazer-se inscrever para a mobilização em 1917, e que pertenciam a essa classe de revolucionários estrangeiros contra os quais o país estava então em revolta. Tinha juntado fundos para a defesa de Andrea Salsedo, preso sem mandado pelo da Justiça de New-York e poucas horas antes da sua prisão tinham sabido que Salsedo saltou ou fora lançado do décimo quarto andar do Park Row Building, e morreu. Sacco e Vanzetti explicaram além disso que, na noite da prisão, procuraram um automóvel na intenção de ir com os seus amigos revolucionários, para juntarem e destruir todas obras literárias que porventura pudessem causar embaraços sendo encontradas.

Tudo isto constitui uma razão excelente para que estes homens desajassem não fazer da polícia sua confidente quando os prenderam, e esta razão foi exposta ao júri no decorrer da defesa.

Mas, ao mesmo tempo, ela dispôs o júri contra eles porque os mostrou acusando-se a si próprios de refractários à conscrição e de «vermelhos».

Houve um processo silencioso contra os dois homens — Depoimentos contraditórios

Houve pois um processo silencioso contra os dois homens, através dos debates, nada tendo de comum com a questão.

As diligências regulares foram principalmente baseadas numa tentativa de reconhecer Sacco e Vanzetti como tendo tomado parte no crime, segundo o depoimento de testemunhas oculares. Uma trinta pessoas pretendiam ter visto quer o atentado, quer os bandidos fugindo em automóvel. Muitas reconheceram Sacco e Vanzetti como participantes.

Muitas mais apresentaram um depoimento oposto. Para mim todo o conjunto destas evidências não vale grande coisa. Difícilmente se encontram em tudo isto uma narração impecável. Na realidade todas as testemunhas viram o crime das janelas duma fábrica ou doutra qualquer parte, a uma distância que as colocava em segurança. Se não estavam a uma tal distância quando começaram os tiros, podemos estar certos de que o estavam antes deles acabarem, e antes de pararem para estudar o rosto dos bandidos.

Nem uma testemunha declarou ter travado antecipadamente conhecimento com Sacco e Vanzetti, o que teria sido a única condição que podesse levar a uma identificação valiosa. Demais, os dois acusados tiveram muitas testemunhas ali que disseram que, no dia do assassinato, Sacco estava em Boston a tratar um passaporte, e Vanzetti transportava peixe em Plymouth.

O Estado também colaborou na mentira — Como se nega a verdade

O Estado tentou também provar que as balas empregadas no assassinato de Sacco ter sido disparadas pelo revólver encontrado a Sacco quando o prende-ram, e que a arma achada a Vanzetti tinha sido roubada por ele a uma vítima. Dois peritos de fama sustentaram esta tese. Todos quatro provaram sómente de novo esta velha história: Póde-se, por uma razão ou por outra, assar-riar peritos como se assariariam advogados.

Finalmente, a acusação considerou os actos e as palavras dos acusados de-clarados da sua prisão, como prova de «consciência de culpabilidade».

O resumo do juiz Webster Thayer para o júri foi largamente criticado pela sua parcialidade. O seu exame, tal como é reproduzido pela stenografia oficial, não revela essas frases repreensíveis, atribuídas ao juiz por pessoas que, sem dúvida, citam segundo as notícias de jornais. As frases do princípio, nas quais o juiz comparou o serviço dos jurados aos do «fiel soldado», e exaltou a virtude da lealdade, foram certamente mal escolhidas, se se considerar a atitude combativa dos acusados. O texto do resumo é do mesmo modo, cheio duma retórica jurídica e enfática que o torna mais semelhante a uma defesa emotiva do que a uma exposição jurídica. Mas ele não parece parcial, salvo no que diz respeito a uma fase com que é tratada a «consciência de culpabilidade», fraco e subtil aspecto da acusação, ao qual o juiz consagrou um tempo de todo o seu discurso. Bastantes queixas foram também formuladas relativamente à maneira como conduziu e regulou os debates.

(Conclui amanhã)

Continuam as arbitrariedades

Já foi restituída a liberdade a maioria dos operários que por questões sociais se encontravam sepultados nas cárceres.

Há poucos dias que eles se encontram em condições de executar a sua dolorosa e normal tarefa de produtores e já a policia tomou resolutamente pelo caminho de novas e injustificadas perseguições.

Sem que tivesse estalado uma greve, nem se tivesse verificado a existência duma fase aguda de agitação social, neste actual mar morto, sem um motivo justificativo, alguns operários foram presos.

Esses operários nenhum, absolutamente nenhum delicto cometeram, nem tam pouco se pode acusar de qualquer culpabilidade, visto que nenhum acontecimento existe que a isso possa servir de justificação. Aqui se prova que a tal revolução não revolucionou coisa nenhuma. Tudo na mesma permanece.

Os velhos e odiados *trucs* policiaes permanecem em uso. Nem de leve foram abalados.

Assistimos agora a uma comédia desengraçada e revoltante. O governo transato, que ainda há pouco tombou, fez sair operários das cadeias e já se começa enchendo-as novamente.

A questão dos presos por questões sociais ameaça eternizar-se, tornar-se permanente.

Porque os processos policiaes são eternamente os mesmos e são permanentemente postos em pratica.

Se perguntássemos a policia a razão que a levou a efectuar prisões de operários ella seria embaraçada fortemente para nos dar uma resposta concreta.

Prendem a torto e a direito sem razão, sem mesmo se darem ao trabalho de explicar os motivos a que obdecem as detenções de operários.

Não é escolhido este ou aquele que pela sua actividade e intelligencia se lhe affigore o mais perigoso. A policia qualquer lhe serve.

E' as autoridades que se deve essa epidemia de homens perigosos pululando por todo o país.

Pega-se no primeiro operário que se topa a uma esquina, conduz-se ao governo civil e apreende-se-lhe a caderneta sindical. Os jornais ao outro dia dizem invariavelmente que o operário preso estava dando vivas à revolução social ou estava fazendo «dissolvente propaganda bolchevista».

Quando o boato duma greve começa a circular o mesmo operário volta a ser preso. Estava tam inocente como da sua primeira prisão.

Ao fim dum certo numero de prisões passa a ser considerado homem perigoso e então o desgraçado passa a sofrer a mais provisoriedade das liberdades.

E a policia, que o inventou como perigoso, passa a considerá-lo assim. A mania de prender attingiu o delirio, alcançou a demência.

Já se tem passado ordens de prisão contra operários... presos. E vulgar a policia procurar operários já falcidos... para os prender!

Porque estão presos os três operários?

Ninguém o sabe; nem a policia, nem nós, nem eles próprios.

Um dia são postos em liberdade, vindo para a rua na mais completa ignorância das causas determinantes da sua detenção.

Os operários estão presos porque são operários e ainda porque a exigência das suas férias não lhes permite o luxo burguês de ir para a super-elegante «Garrett» confundir-se com os burgueses e estar aburguesadamente.

A policia adquiriu a velocidade de prender arbitrariamente, velocidade que aumentou dum modo extraordinário na república e nunca mais pára, visto que os seus superiores não cuidam de coibir os seus desmandos.

Os operários presos nenhum delicto cometeram. Seria portanto de toda a justiça que não agravassem a iniquidade cometida, pon-do os, sem mais delongas, em liberdade.

Seria mesmo conveniente que a policia respeitasse a liberdade e os interesses de operários que nada contribuíram para a sua furiosa mania de prender tudo e todos despropositadamente, iniquamente.

Em mangas de camisa

Opiniões curiosas

Um jornal que no *Algarve* se publica e que, por coincidência nada interessante, *Algarve* se denomina, rompe numa fútil e violenta na sua ânsia de atingir os defensores das ideias socialistas.

Não deixa de ser mauzinho o tal artigo, mas as intenções do jornal que o transcreveu também estão a uma grande distância de serem boas.

Pretende o *Algarve* demonstrar que, trabalhando-se todos os dias até se cair no máximo de esgotamento e terminar com o descanso ao domingo, se caminha numa velocidade desesperada para a felicidade operária.

E depois chama o *Algarve*, por conta do anónimo a tor do artigo, aos que não consideram esse admirável sistema além duma formidável exploração cujo produto correria direito para os cofres dos que exploram, mandriões e bolchevistas.

Os bolchevistas criaram o trabalho obrigatório, pensando naqueles que não chegam a fazer por um dez minutos de trabalho útil, e por isso, sem cometer fútil, não os pode equiparar aos mandriões. Pelo jornal *Algarve* é que se nota uma certa preguiça cerebral. E' também incontestável que demasiado trabalho embrutece.

Isso não pode servir de desculpa ao citado jornal, que morde com dentes alheios.

Sindicâncias

A presidência do ministério a todos os ministérios reclamou uma relação das sindicâncias que foram arquivadas antes da finalização legal.

A lista deve ser tam extensa que a sua leitura atenta duraria o tempo somado para cair dez ou quinze ministérios.

Pois se nesta terra as sindicâncias não passam duma grande comédia. Tam grande é essa comédia, que chegou a ser recurso usado por um funcionário comprometido do pedido de sindicância.

E' um costume republicano de fingir dar à conhecida opinião pública, publicas satisfações.

O sindicante, em via de regra, aproxima-se do local onde residia burocraticamente o sindicado, promovendo uma sindicância que a uma determinada al-

CONFRONTOS

A guarda republicana e os pretorianos

Onde se analisa a carta do general Gomes da Costa e se tiram conclusões que esqueceram àquele militar

O EXÉRCITO FOMENTADOR DA DESORDEM

Os últimos sucessos políticos e militares, como todos os acontecimentos políticos, como todas as pugnas militares, fizeram puxar a língua a muita gente, que aldrabou o mais que pôde e consagrou a desmoralização das suas opiniões abalizadas.

Na confusão dessas entrevistas, no torvelinho dessas declarações, no emaranhado das sentenças e das profecias as mais tétricas e arripantes — salientou-se, quanto ao meu minúsculo modo de ver, o parecer analítico historicamente de um general que, pela sua situação destacada, marca na galeria dos grandes doadores e na exposição ruidosa das criaturas clarividentes. Num repente, o sr. Gomes da Costa, num magote desabafo, numa tristeza desoladora e como que num indignado anatema, refundiu a guarda republicana numa guarda pretoriana, retornando-a ao passado pelo labirinto romano de um império antigo e decadente. Se a frase proferida por aquele general a um jornalista fôsse dita, na sua inocência, por um humilde proletário, que mais directamente tem experimentado a força bruta dessa guarda, ella já teria um valor real, relativamente importante — perder-se-ia na densa poeira das coisas inúteis. Posta nos lábios de um general categorizado, habituado também a comandar aglomerados de homens armados, cujo primacial papel é defenderem a injustiça social e causticarem e fazerem passar pelas armas os escravos que se levantem contra as prepotências e ignominias dum sistema de sociedade velha — ella é tam considerável, como considerável é o seu posto adentro do exército.

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

Quanto à genial comparação acima descrita pelo general Gomes da Costa, até certo ponto está bem; quanto à asseveração de que a tropa é para manter a ordem, é um erro que não deixa passar. O sr. general, pelo visto, concorda com o seu colega Changarnier, que, numa proclamação dirigida ao exército dos Alpes, em 1849, dizia: «Os exércitos modernos tem menos por função a defesa das fronteiras, do que a defesa da ordem contra os amotinados do interior».

BOLSA DE TRABALHO
DAS ASSOCIAÇÕES DOS
CRIADOS DE MESA E DAS
SERVIÇAIS
(Sociedade Cooperativa, Ld.)
Travessa dos Inglesinhos, 3, 1.^a

TELEFONE C. 384

Procuras e ofertas de serviços

Esta bolsa garante pessoal habilitado para todas as casas, das mais modestas às mais exigentes.

Encarrega-se de organizar brigadas para Hotéis, Restaurantes, banquetes, casamentos, soirées, etc.

Aberta das 11 às 18 horas

OFERTAS

Cozinheira, sabendo bem da sua arte.
Criado de mesa para casa particular.
Ajudante de cozinha.
Criada de mesa para casa respeitável.
Criado de quartos.
Mecos de cozinha com prática de hotel ou restaurante.
Cozinheiro habilitado para hotel ou casa particular.
Cozinheiro sabendo bem da sua arte.
Criada fina sabendo de costura.
Criada de quartos e roupas.

Criados de mesa habilitados.

PROCURAS

Criada de mesa, habilitada.

Criado de meia idade para o Estoril.

Criadas, duas de fora, para o Estoril.

Criada para todo o serviço, para a província.

Dois criadas para o Estoril. Serviço de fora.

Ajudante de cozinha para casa particular.

Criada de mesa, apresentável.

Criadas para todo o serviço.

Cozinheiras habilitadas,
Criada para crianças.

Explicador

Estudante de direito, com prática de ensino, explica a qualquer camarada, por pressão médica, inglês, francês, português ou quaisquer outras disciplinas.

Trata-se na administração de A Batalha.

TABACARIA

DUTCHINE

Sempre tem dinheiro quem joga

38 - RUA DA MOURARIA - 33-A
SEMPRE SORTES GRANDES

ISQUEIROS

Pedras para isqueiros, vendem-se na
Largo do Conde Barão, 55, (Tabacaria
do isqueiro à porta).

A' VENDA POR 2\$00

O BANDOLIM SEM MESTRE

Método para aprender por música ou
de ouvido.

ENSINA-SE bândolim, viola, guitarra, flauta, violino, piano, etc., desde 2400 por mês. Professor, João Victorino, Rua de S. Gons. 12, apt. 12 (à Graça).

Trabalhadores: Lêde e propagat

A BATALHA

A BATALHA

Encontra-se à venda em todo o país, nas tabacarias, quiosques e outros locais de venda de tôdas as publicações.

Nas ruas e nos comboios peça-na aos vendedores de jornais.

Aceitam-se agentes e correspondentes nas terras onde ainda os não haja

Dr. Afonso Manaças

Sifilís, Coração e pulmões, Clínica geral e de Crianças. Todos os dias (18 horas). CLASSES POPRES.

Rua do Amparo, 82, 1.º. Tel.: Central 2688.

A BATALHA

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º - LISBOA

TELEPHONE: 5339 C.

ASSINATURAS:
Pagamento adiantado
LISBOA, 1 mês, 2\$50; 3 meses, 7\$90;
PROVINCIA, ILHAS E ESPANHA,
3 meses, 7\$50; 6 mezes, 14\$00; COLO-
NIAS PORTUGUESAS, 6 meses, 18\$00;
1 ano, 35\$00.

PAÍSES ESTRANGEIROS:
6 meses, 26\$00; 1 ano, 51\$00

FIRO DE VIDA

AGÊNCIA

ros que tem 68 anos
foi fundada em 1853

ros sobre vida humana e os in-
FAMILIAR (seguro de capital e
do que duplica o capital no caso
das as informações na Agência
JOSE HENRIQUES TOTTA, L.da —

